

Graciela Haydée Barbero
**Homossexualidade e identidades diversas.
O preconceito que as acompanha***

As mudanças sociais no mundo contemporâneo permitem a aparição mais ou menos aberta de comportamentos afetivos que anteriormente precisavam ser ocultos. A questão das identidades discordantes com o socialmente esperado, ou seja, aquelas que não correspondem à anatomia, e das escolhas amorosas homoeróticas, está ocupando cada vez mais lugar na mídia e nas discussões jurídico-sociais e profissionais, mas enfrenta-se ainda muitos preconceitos derivados de antigas formas de pensar que obstaculizam ou até impedem o surgimento de pontos de vista livres de ideologias ou moralismo.

➤ Palavras-chave: Diversidade, homossexualidade, identidade sexual, preconceito

Social changes in the contemporary world have let affective behaviors "out of the closet" in which they had long been confined. Varied sexual identities and love between same-sexed persons are occupying a place in the press and in social, legal and professional debates. Many prejudices still exist, however arising from past forms of thinking that create obstacles and hamper the development of new theorizations free of ideologies or moralisms.

➤ Key-words: Diversity, homosexuality, sexual identity, prejudice

O preconceito social referente a populações diversas levou ao extermínio de povos inteiros, inocentes, enquanto tais, de qualquer ofensa referida à civilização. Raças, cores, sexos, etnias, foram alvo de tais atitudes, grupos sociais entre os quais, de uma forma um tanto diferente por não ter explícita no corpo sua condi-

ção, encontram-se os sujeitos cuja eleição amorosa sexual ou cujas características identitárias não correspondem ao modelo social burguês ideal ligado à heterossexualidade monogâmica num sistema patriarcal. Este é o grupo dos chamados "homossexuais", que, na verdade, não formam um grupo coerente nem coeso e

* ➤ Este texto foi apresentado no ciclo *Preconceito, violação aos direitos humanos e sofrimento psíquico*, no CRP, em São Paulo, no debate: "Diversidade e Psicologia", em 9/11/00.

cuja única marca comum é esta forma diferente de ser, desejar e amar.

Marina Castanheda (1999), uma escritora mexicana que acaba de publicar um livro sobre a experiência homossexual, proclama:

Diferença, e não desigualdade.

Referindo-se à falta de informações confiáveis que sempre se teve em relação a este tema, ela diz:

Recuperar a experiência e a própria história é uma tarefa árdua, mais ainda estando imersos nesta nova sociedade sem nome ... que anela a igualdade somente em termos de direitos, mas se esforça em negar a diversidade, da que depende toda gênese, todo crescimento cultural.¹

Diversidade não é desigualdade mas, na nossa sociedade, funciona como tal. Desde a denúncia feita pelo movimento feminista da hegemonia do masculino na cultura ocidental, e das suas lutas contra o "poder fálico"² implícito nas categorias sociais de masculino e feminino, ficou claro que numa sociedade dita democrática, esta hierarquização devia ser superada, já que todos somos ou deveríamos ser iguais ante a lei, sem discriminação de raça, sexo, idade, religião ou orientação sexual.

Não ser discriminado por esses motivos é um direito humano reconhecido por lei; mesmo assim nem por isso é respeitado. A discriminação por raças, idades, sexos ou gêneros e orientação sexual continua a existir.

E esta discriminação e exclusão das diversidades causa, certamente, enorme sofrimento psíquico. A não-tolerância da diversidade de escolhas nas formas de ser, de desejar e de amar implica, certamente, uma violação aos direitos humanos, causada pelo preconceito.

O preconceito, ou seja, uma crença, uma ideologia social baseada na generalização estereotipada de traços negativos a respeito de um grupo de pessoas, diz que esta forma de amor ou de erotismo entre pessoas do mesmo sexo é uma variedade que não é aceitável no nosso mundo convencional, já que esta associada obscuramente a características imorais e antiestéticas, ferindo nossos supostos "valores básicos".

Ele se enunciaria assim: "Eles", os homossexuais, são anormais, doentios, desviados, e perversos, além de pervertidos e pornográficos.

Os protagonistas são vistos como transgressivos, desafiantes, nojentos, desprezíveis ou fracos.

Qualquer fenômeno social, fato ou acontecimento, que se afaste dos modelos ideais sobre o masculino, o feminino, o amor, o casamento, as instituições, é negado, desvalorizado, ridicularizado, ignorado, ou castigado de várias formas.

Os indivíduos e grupos são coisificados a partir de traços ou características estereotipadas quando, na época atual, a escolha de um parceiro amoroso de qualquer sexo não está ferindo

1> Comentário de Ana Maria Barroso.

2> Claro que este poder fálico não é privativo dos homens, mas a insistência com que se confundem sexo biológico e gênero mostra a naturalização que se tem feito destes conceitos. É que para a lei, e para o imaginário social, a diferença está marcada na anatomia.

nenhum preceito ético fundamental e nem qualquer lei jurídica.

A inclusão de uma proibição explícita da discriminação por "orientação sexual" na Constituição foi apresentada faz cinco anos como proposta para ser discutida na Câmara de deputados. Por enquanto só foi aceita em alguns lugares.

Por que esta demora em reconhecer para estas pessoas o simples direito a ser tratado como um cidadão(ã) comum?

Entram em jogo aqui toda uma série de instituições, valores, crenças e ideologias, que, de fato, estão em pleno processo de mudança no mundo "real". A lei só vai legislar sobre um fato quando houver evidências da sua relevância social.

Mas a dificuldade em reconhecer estes direitos parece derivar, em grande parte, dos próprios desejos e fantasias recalçados dos denunciantes. Este é o discurso da modernidade e da moralidade burguesa. Até a defesa dos grupos de homossexuais, geralmente masculinos, tentando demonstrar "cientificamente" a natureza inata desta condição pode ser vista como mais uma forma de homofobia: uma necessidade de se isentar da responsabilidade pelo próprio desejo.

Desejo proibido, de uma mulher por outra mulher, de um homem por outro homem, de um homem sentir-se e vestir-se como mulher, de uma mulher transexual para homem desejar outro homem... desejo de brincar ou desenvolver as características do feminino e do masculino (que todos possuímos) e que, Freud explica, pouco tem a ver com a matéria propriamente anatômica dos corpos que o sustentam.

Mas os atos sexuais entre maiores de idade que nisso consentem não é crime,

apesar de que já o foi, e dizer que é uma doença ou um desvio é simplesmente uma questão de interpretação. O novo momento histórico está a pedir-nos uma reflexão extra e um esforço considerável para poder olhar as novas práticas afetivas, sexuais e societárias que estão se criando como resultado de uma maior possibilidade de vida pública destas diversas formas do ser, íntimas ou formais. "O que é crime, doença e desvio hoje, nem sempre foi percebido e julgado desta maneira no passado, e pode vir a ser admitido ou recomendado amanhã", diz Juran-dir Freire Costa num texto sobre a identidade homossexual (1998, p. 16).

Assim sendo, nenhum argumento filosófico, científico ou do senso comum pode justificar condutas preconceituosas que venham constranger físico-moralmente o indivíduo em seu direito de auto-realizar-se afetivo-sexualmente, se esta auto-realização está de acordo com os valores básicos da cultura democrática, pluralista, humanista e individualista de Ocidente.

Porém e apesar de tudo, a preocupação dos "diferentes" continua a ter muito sentido. Apesar dos progressos nas discussões dos especialistas, ou dos estudiosos, ainda enfrenta-se na vida cotidiana destas pessoas, situações trágicas, internações forçadas, burlas, oposição familiar, assassinatos e, claro, uma resposta de medo, de autonegação ou de vida dupla, por parte dos assim discriminados e um número de suicidas notável na faixa de adolescentes "gays", segundo afirmam assustadoras estatísticas.

"Parece que é mais fácil", diz Yuzuru, dono de um site que oferece acolhida para jovens assim desamparados, "pensar

em morrer que em contar aos pais”.

Aliás, todas as estatísticas mostram a extensão e multivariada da expressão deste tipo de preconceitos.

Numa pesquisa publicada no "Plano de Direitos Humanos da cidade de São Paulo" em 1998,³ lê-se, por exemplo, que 37% dos médicos, 50% das médicas, 42,9% dos psicólogos e 14,8 % das psicólogas não se sentem à vontade para escutar a respeito da homossexualidade dos pacientes e 22,2% dos médicos, 29,2% das médicas, 33,7% das psicólogas consideravam reprovável a homossexualidade. (Pelo menos os psicólogos parecem cuidar-se de expressar opiniões moralistas, mas seu incômodo com a questão não desaparece.)⁴

"É sempre uma tragédia este processo de descobrimento de si na adolescência para um garoto com tendências homossexuais marcadas", pensa o escritor João Silvério Trevisan (2000). Esse autor, numa entrevista publicada no último número da revista *Caros Amigos*, afirma que numa sociedade machista como a nossa, também entre os homossexuais existe o machismo, por exemplo, o estigma de ser um homem passivo. Ele fala das dificuldades em se definir subjetivamente no meio de perseguições. Os meninos são vigiados, casados à força ou expulsos de casa. Há muitos homens enrustidos em seus desejos, que, para não se sentirem acusados de não ser "suficientemente homens", se casam, assumem uma fachada, batem em homossexuais, matam, bebem, se drogam,... o drama está aí, à vista, diz.

Uma versão trágica de como a sociedade lida com este tipo de diferenças pode se ver no filme "Meninos não choram", que conta a história verídica e acontecida há poucos anos, de uma moça americana que decide assumir o lado masculino da sua personalidade, traveste-se de homem e vai à luta. Só que, pouco depois, a vemos pagar muito caro pela transformação de Teena Brandom em Brandom Teena. Mostram-se no filme os variados tipos de violência a que ela é submetida, violência física e moral por parte dos atacantes diretos, violência das instituições despreparadas para lidar com a questão de qualquer forma, violência nas omissões das outras pessoas paralisadas pelo terror. Kimberley Pierce, a diretora, fez um filme aberto contra o preconceito, a intolerância sexual e a violência.

Quando a atriz Hilary Swank recebeu o Oscar que premiara sua atuação, ela lembrou da coragem da personagem e pediu tolerância para a diversidade.

Por que estas histórias macabras, repetidas muitas vezes no cotidiano, de forma, às vezes, menos visível ou mais leve, continuam a existir?

Pela força dos preconceitos!

O preconceito pode ser explicado desde muitos pontos de vista, principalmente políticos e sociais. Mas estamos falando de uma atitude, um comportamento que não é totalmente explicado pelo racional. Suas raízes inconscientes revelam antigas crenças e ideologias, além dos conteúdos recalçados próprios desse sistema.

3> Realizada pelo psicanalista Arnaldo Domínguez.

4> Em 23 de março de 1999, o Conselho Federal de Psicologia aprovou uma resolução que proíbe aos psicólogos "tratar" a homossexualidade, por considerar que a mesma não constitui por si só, indicio de doença, distúrbio ou perversão.

Quando na psicanálise falamos de preconceito, um analista se pergunta sobre as forças psíquicas inconscientes que o sustentam, sobre o papel que o mesmo desempenha na economia psíquica de quem o expressa. Assim, por exemplo, a rigidez com que se percebe a possibilidade de mudar-se as categorias correspondentes às escolhas de objetos amorosos e sexuais e às características identificatórias correspondentes aos gêneros masculino e feminino segundo foram definidas por nossa sociedade, pode ser vista como um sintoma – homofobia –, muito mais surpreendente talvez que um comportamento homoerótico que fosse prazeroso para ambos os parceiros.

Neste caso, pela sua generalidade, poderíamos falar de um sintoma social: o desejo homossexual recalcado, voltando em forma de preconceitos, como negações, como atitudes fóbicas ou contrafóbicas, como formações reativas mais ou menos cruéis, de um ato desejado cuja pulsão se satisfaz muitas vezes com a vingança contra quem se atreve a viver de acordo a seus desejos.

Quais são as razões sem razão, as razões históricas deste preconceito? Uma longa história nos mostra a persistência destas crenças, e assim também a sua rigidez, ao longo dos tempos.

Porém também sabemos, por meio de relatos épicos, encenações dramáticas, narrativas religiosas, mitos, desenhos, pinturas e outras manifestações, que, desde o começo da história, o homoerotismo encontrou sempre alguma forma de expressão e de representação nas mais diversas culturas, como mostram as artes e as ciências.

Então, a preocupação de psicólogos e

psicanalistas por esclarecer a fundo esta questão se apóia no compromisso com as premissas éticas humanistas que norteiam nosso agir, um compromisso com a justiça, mas também, e fundamentalmente, um compromisso com a verdade. Sendo coerentes com a história da psicanálise, devemos opor-nos ao desconhecimento das verdades inconscientes, opor-nos à hipocrisia e à violência social. A ética de nosso trabalho, que procura sempre a liberação e a autonomia subjetiva, nos impõe um constante esforço emancipatório.

Certamente, uma mudança neste nível está acontecendo. A questão das identidades sexuais discordantes do indicado pela anatomia e das escolhas amorosas homoeróticas está ocupando cada vez mais lugar nos eventos sociais e na mídia, na vida cultural e comercial de quase todo o Ocidente. Contemplamos e participamos de uma reformulação da família tradicional burguesa e das estruturas hierárquicas, da lenta mas sem volta queda do patriarcado, da liberação sexual, dos movimentos feministas, de uma certa liberdade e maior aceitação das identidades sexuais alternativas, de diferentes formas de parceria e formas de amor.

Muitos homens e mulheres das grandes cidades contemporâneas não escolhem suas parcerias segundo um modelo edípico ideal, e estão inventando novos comportamentos, valores e atitudes que os guiem, mas tudo isto um pouco atropeladamente, já que, lembremos, estão se questionando fortemente os valores da sociedade, e, sobretudo, "a história oficial", como já mencionamos. Realmente, gays, lésbicas, bissexuais, transexuais e outras pessoas sem rótulo, estão pro-

curando escrever uma outra História. Talvez por isso, momentaneamente, reações ultraconservadoras aparecem em todas as partes e, também, entre os psicanalistas. Em tempos em que os modelos de identificação ficam ambíguos, há uma tendência à volta, trágica, dos valores tradicionais, e, politicamente a situações de ordem totalitária que exageram os preconceitos existentes.

Não podemos esquecer aqui, o clássico trabalho de Adorno sobre o preconceito e a personalidade autoritária, que já em 1950 podia prever estas questões.

Segundo este autor, haveria uma tendência para o fascismo, totalmente antidemocrática, latente ou aberta nas sociedades atuais.

Depois da exclusão e assassinato de milhões de pessoas na Alemanha nazista, legitimada pelo Estado, as sociedades democráticas condenaram estas discriminações, mas leis e tribunais não são suficientes para afastar o fascismo da sociedade moderna. Há uma disposição consciente e inconsciente, pensa ele, para atos discriminatórios e preconceituosos cujo potencial destrutivo é variado, sendo que o etnocentrismo, o autoritarismo e a submissão são características associadas a esta ideologia que tem motivações psicológicas profundas.

Ele afirma a inutilidade de uma crítica ideológica, já que estamos tratando com argumentos pouco racionais, um discurso, uma espécie de mentira transparente. Lembra-nos que para explicar este fenómeno Freud aponta, em sua obra "Psicologia das massas", a forma em que

o líder consegue adivinhar os desejos e necessidades das pessoas. Expressa o que eles têm latente, suas tendências inconscientes. Por outra parte, os sujeitos projetam nele, seu *ideal do eu*, que vem a legisla-los desde fora e provoca uma identificação massiva e irracional entre aqueles que assim ficam "voluntariamente" submetidos.

Identificação e contra-identificação são os processos sociais mediante os quais uma pessoa se liga a um grupo. Quanto mais se idealiza este grupo, mais rigidez haverá na defesa do endogrupo e no ataque ao externo como inimigo.

Paulo Roberto Ceccarelli, estudioso destes assuntos, num texto denominado "Sexualidade e preconceito"⁵ afirma que uma maior liberdade sexual, (desrepressão) não trouxe menos recalque à sociedade atual. Para ele, o sexual continua sendo um enigma.

Ele nos lembra que o conceito de *superego* pressupõe que é formado pela autoridade paterna para manter as proibições e também pelos ideais que têm a função de reforçar o recalque. Assim, há sempre modelos ideais de normas, especialmente ligados aos comportamentos sexuais. Mas, também, a história atesta que a sexualidade escapou sempre as tentativas de normatização. Apareceriam então, quando não se corresponde ao ideal, a idéia de desvio, o preconceito, e a culpa. "O sexual dos ideais", diz Ceccarelli, "tem a ver com o amor aos líderes. Representa uma entrega à voz e ao desejo do líder (em psicanálise, "ao gozo do Outro").

O conflito se desenvolve, então, dentro

⁵ Texto obtido na Internet (ano 2000). Não tenho conhecimento se o mesmo foi posteriormente publicado por outra via (2003).

do sujeito, entre as exigências pulsionais, a tendência à volta do recalçado e os ideais constitutivos da cultura. Quando algo falha, pode surgir o preconceito na forma de um sinal de alarme, uma atitude segregadora, (o que difere de mim é meu inimigo) ou a culpa que marca a diferença entre o *eu* e o seu *ideal*.

Ao contrário do discurso psicanalítico, o discurso psiquiátrico, marcado por esses ideais morais de forma rígida, coloca em etiquetas e classificações patológicas a sexualidade que escapa ao convencional. Em 1869, Benkert, um médico húngaro, inventou o termo homossexualismo para sair do discurso jurídico, só que, sem se dar conta, isto fez com que o preconceito simplesmente mudasse de palco. O homoerotismo deixou de ser uma prática, e passou a ser considerado uma identidade. Uma identidade desviada e doentia e uma categoria nosográfica múltipla, até que os próprios atores se rebelaram contra esta visão.

Vejamos, como exemplo, o que aconteceu com as mulheres de nossa cultura nestes últimos séculos, seguindo a síntese apresentada por Becky Butler (1990) na primeira parte de seu livro *Ceremonies of the Heart* (p. 3-45).

As relações lésbicas, que tinham sido aprovadas e cultuadas numa época em que o poder feminino era respeitado, foram ficando cada vez mais difíceis à medida que as mulheres perderam o poder. Na Grécia e Roma antigas o lesbianismo era tolerado, mas as mulheres eram economicamente dependentes. A intolerância surge mais forte no século IV. Depois, houve um tempo de prosperidade e abertura a novas idéias: amor romântico, a

mulher revalorizada. Nos séculos XIII e XIV as minorias de todas as classes começam a ser oprimidas: judeus, leprosos, bruxas e homossexuais foram queimados, enforcados, desmembrados. De preferência sexual de uma aristocracia, a homossexualidade passa a merecer a pena de morte. Entre 1150 e 1350 começa a se incluir a proibição de amor entre mulheres. Foram mortas milhões de mulheres nesta época obscura e cruel, por serem viúvas, solteiras, praticantes da velha religião pagã ou mulheres independentes, excluídas da conformidade familiar. Depois de passada a Inquisição, surge uma ideologia vitoriana que supõe que as mulheres são assexuadas, portanto seus casos de amor pouco afetariam a vida social. Somente eram combatidas aquelas que se vestiam ou se faziam passar por homens para gozar das prerrogativas masculinas.

Os séculos XVIII e XIX marcam uma época de amizades apaixonadas. Muitas mulheres conhecidas inocentemente declaravam seu amor, publicamente, em poesias e outros escritos. Combinavam estas amizades, geralmente duradouras, com um casamento heterossexual, muitas vezes, como forma de sobreviver. É a época do primeiro feminismo: as mulheres entram em profissões diferentes e se interessam pelas suas carreiras e não somente pelo seu lar. Não se percebeu muito rapidamente o lado revolucionário desta atitude que, junto com uma maior liberdade econômica e as idéias feministas, puseram o poder masculino e patriarcal em questão. A Igreja também tinha perdido sua força social.

Precisou-se então colocar estas experiências no âmbito da patologia, do desvio, da

perversão. Em 1869, o mesmo ano em que começa a ser usado o termo homossexualidade, Carl von Westphal publica o primeiro caso de "uma invertida congênita". Assim começa a história de um desvio; depois disso, numerosas histórias clínicas são publicadas ligando as condutas homossexuais à desordem mental, assassinatos, suicídios, alcoolismo etc. Como resultado, tentativas de cura das mais aberrantes. Fica desta maneira, patologizado o desejo de uma mulher por outra, e, segundo o ponto de vista feminista, se classifica como doença o próprio desejo de libertação dos vínculos opressores.

No século XX começa a ser aceita a idéia de que as mulheres são também sexuais: as amigas românticas do século anterior começam a ser interpretadas de outra maneira e se redescobrem sociedades que funcionaram como modelos positivos de relacionamento afetivo entre mulheres na Europa e América do Norte. Aparecem, a partir dos anos 1950, algumas obras tendentes a mostrar que a homossexualidade não é necessariamente patológica e está muito mais difundida do que se supunha.

Entretanto... por motivos variados, principalmente sociais, políticos e econômicos, e até jurídicos, os "homossexuais" ganharam visibilidade na vida e na mídia. Da mesma forma que outros grupos minoritários como negros, índios, mulheres, idosos, deficientes, etc., eles vieram a público defender-se de violências físico-morais, baseadas em opiniões ditas científicas, religiosas ou de senso comum, sobre a natureza "doentia" ou "viciosa" da homossexualidade.

Os movimentos de libertação homossexual,

lutando contra a validade destes preconceitos, pretendem que seus adeptos não sejam mais vistos como doentes, perversos, anormais, regredidos ou desviantes, e sim como simples indivíduos com direito à livre expressão das preferências sexuais e dos desejos amorosos, desde que se respeitem outras regras elementares de nossa moral, como o respeito pelo outro, e o respeito pela vida.

Os movimentos homossexuais lutam por desfazer a impostura e a hipocrisia na vida sexual, e, às vezes, contra qualquer ditadura. Constroem-se assim novos valores no meio de uma situação cheia de contradições. Este é um campo em tensão que por enquanto permite-nos ver o que não se sustenta mais.

Esta questão representa um desafio para a psicanálise. Podemos dizer até, que este é um dos temas de grande atualidade que está provocando uma crise na psicanálise; é uma crise, porém, que também contém o potencial para o crescimento e a mudança. Requer-se pensamento inovador para resolver a mesma de modo produtivo, alinhando-se com o movimento emancipatório da modernidade em lugar de colocar-se do lado das imemoriais figuras do pai e do juiz, da família, da lei e da Ordem.

Há havido já, uma revisão crítica da psicanálise a partir dos movimentos que transformaram a sociedade e a cultura ocidentais nas últimas décadas. O movimento das mulheres, e logo também, ligado a este, o movimento dos *gays*, *lesbianas*, *bissexuais* e *transexuais* tem sido o maior desafio para a psicanálise pela profundidade e consistência de muitas de suas críticas contra a atitude e a teoria de

Freud a respeito da psicologia e da sexualidade femininas. Porém, muitas das melhores teóricas feministas são psicanalistas. As discussões estão em pleno movimento, um evento que forma parte deste grande acontecimento social, refletido no psiquismo humano que estamos vivendo.

Num texto publicado na revista argentina *Zona Erógena*, Emiliano Galende comenta que, o que ele chama os "novos atores" sociais surgirão das novas formas de relação social que estão se instaurando, das culturas convertidas em marginais, das massas preocupadas pela destruição do meio ambiente, dos movimentos de mulheres que lutam por uma igualdade real, das batalhas pelos direitos humanos ou das lutas contra a discriminação dos diferentes. Cada vez mais o inconsciente está sendo colonizado pelos rasgos culturais novos, afirma, mas acontece que muitas pessoas estão sofrendo também uma violentação de seus próprios modos primários de constituição da subjetividade, edípicos e fálicos, que implicam níveis de organização do arcaico, do infantil, submetidos ao recalque, mas que se chocam com as exigências atuais dos vínculos reais com o outro no amor, a ternura, o valor de um pai, a identidade sexual, os filhos, a amizade, o trabalho, e o tempo. Lembra-nos que as formas de constituição do aparelho psíquico estão intimamente ligadas às coordenadas essenciais que a cultura desenvolve na construção de sentidos, de significados e de valores (mitos, fantasias, crenças) que organizam os modos práticos das condutas dos sujeitos (posicionamentos a respeito da sexualidade, o desejo, a criação dos filhos, formas

de parceria amorosa, relações de filiação, etc.).

E no entanto... o preconceito continua agindo em todos os campos: dentro da família, da escola, por meio dos próprios professores e diretores que deviam dar o exemplo de tolerância e sabedoria, dos psicólogos e até dos próprios psicanalistas, sendo que, fora o próprio Freud, quem descobriu que a pulsão no ser humano não tem um objeto predeterminado associado a ela e portanto quem mostrou o caminho da diversidade.

Ele afirmava também que a ligação libidínica com pessoas do mesmo sexo desempenha na vida psíquica um papel tão importante quanto aquela que se refere a pessoas do sexo contrário. A psicanálise afirma que não há naturalidade, na sexualidade humana. A heterossexualidade é um modelo cultural imposto aos indivíduos.

A pesquisa psicanalítica se opõe com o máximo de decisão que se destaquem os homossexuais, colocando-os em um grupo à parte do resto da humanidade, como possuidores de características especiais. Estudando as excitações sexuais, além das que se manifestam abertamente, descobriu que todos os seres humanos são capazes de fazer uma escolha de objeto homossexual e que na realidade o fizeram no seu inconsciente. (Freud, 1905, p. 146)

Deduzimos que todos os indivíduos de nossa cultura possuem uma corrente libidínica heterossexual e uma homossexual; a determinação da orientação predominante depende de uma série de fatores não completamente conhecidos, mas variados e acidentais, da mesma forma que quaisquer vicissitudes da singularidade humana.

Nesse sentido, a noção de "identidade homossexual" foi criticada pelo psicanalista Jurandir Freire Costa (1998) porque aceitar a idéia de uma identidade homossexual seria apoiar a noção de que existe alguma diferença fundamental e essencial que faria de pessoas com determinadas características desejantes, seres de alguma forma afastados do resto dos mortais. Porém, os movimentos atuais de afirmação homossexual têm considerado a necessidade da existência de modelos positivos de identificação sem que isto se apóie na idéia de uma essência última, universal e permanente que os justifique. Gays e lésbicas enfrentaram momentos positivos e negativos neste século. Em 1950 começa a se organizar um movimento, que logo se chamara de *gays*, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais (GLBTT).
1969, por outra parte, marca uma data, *Stonewall*, um acontecimento público de ativismo militante, enfrentando a polícia e defendendo "orgulhosamente" os direitos dos homossexuais, na porta de um bar. Na *Parada do orgulho gay*, que se realiza todo 28 de junho em muitos países e que este ano⁶ contou com a presença de mais de 100.000 pessoas desfilando pelas ruas principais da cidade de São Paulo, encontra-se de tudo, uma diversidade quase chocante que acaba com todos os estereótipos, e que tem particularmente uma

alegria muito grande, que representa a eterna e incansável esperança de um mundo melhor.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor Wiesengrund et al. *The Authoritarian Personality*. Harpers & Brothers, 1950.
- BUTLER, Becky (ed.). *Ceremonies of the Heart. Celebrating Lesbian Unions*. Washington: Seal Press, 1990.
- CASTANHEDA, Marina. *La experiencia homosexual*. Buenos Aires: Paidós, 1999. In: BARROSO, Ana María (comentarista). *La sartén por la lectura*, (jornal). México, 8/1/00.
- COSTA, Jurandir Freire. A questão psicanalítica da identidade sexual. In: GRAÑA, Roberto (org.). *Homossexualidade – formulações psicanalíticas atuais*. Porto Alegre: Artmed, 1998, p. 15-27.
- FREUD, Sigmund (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1972. v. VII.
- _____. (1921). Psicologia de las massas. In: *Obras Completas*. Madri: Biblioteca Nueva, 1948. v. I.
- GALENDE, Emiliano. Transformaciones en lo social. *Zona Erógena – Revista abierta de Psicoanálisis y pensamiento Contemporáneo*. Buenos Aires: Fernando Urribarri (ed.), n. 45, p. 20, 2000.

Artigo recebido em janeiro/2003

Aprovado para publicação em maio/2003

6> Os números foram aumentando cada ano.